

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – PUC - SP

ALESSANDRA MARIA MELO DE MOURA

Pai; Mãe & Filhos – Sintomas Culturais

Análise semiótica psicanalítica de capas
de revista em datas de celebração

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

São Paulo – SP
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ALESSANDRA MARIA MELO DE MOURA

Pai; Mãe & Filhos – Sintomas Culturais

Análise semiótica psicanalítica de capas
de revista em datas de celebração

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

Monografia de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu, requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura, promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho sob orientação da Profa. Dra. Maria Lucia Santaella Braga.

São Paulo – SP

2018

Para Heitor,
por, sem duvidar nem desistir,
questionar e seguir acreditando

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, por ser quem e como é, todos os dias;

A minha mãe e a meu pai, pelo amor, suporte, dedicação e por cumprirem com excelência suas complicadas funções;

Às minhas irmãs, com quem dividi o início de entendimento desta vida; que assim, unidas, sigamos sempre;

A Edna, Cesar e Bárbara, pelo carinho, apoio e presença;

Aos colegas de turma, pelos desafios que encaramos juntos e as amizades sinceras que surgiram no caminho; este curso seria sem cor sem vocês;

Aos professores Oscar, Lucia, Claudio, Fani, João, Isabel, Luis, Maria, Paul, Deise, Winfried, Michele (*in memoriam*) e Clóvis (*ubi sunt*), cada um especial à sua maneira, grandes mentores e amigos queridos com quem tive a oportunidade de conviver;

Aos coordenadores a quem muito admiro, Prof. Dr. Oscar Angel Cesarotto e, em especial, minha orientadora, Profa. Dra. Maria Lucia Santaella Braga;

Ao percurso desta pós-graduação, o encontro com suas teorias e todas as angústias, descobertas e mudanças suscitadas desde o primeiro dia de aula.

“A família do futuro deve ser
mais uma vez reinventada.”

Elisabeth Roudinesco

Pai; Mãe & Filhos – Sintomas Culturais: Análise semiótica psicanalítica de capas de revista em datas de celebração

Alessandra Maria Melo de Moura

RESUMO

Tomando como objeto duas capas de 2017 da revista Sãopaulo (complemento dominical do jornal Folha de São Paulo) e com base nas teorias de Charles Sandres Peirce (Semiótica), Sigmund Freud e Jacques Lacan (Psicanálise), imagens de mãe e de pai veiculadas na mídia são colocadas em análise, com o intuito de identificar a partir delas possíveis sintomas culturais.

Palavras-chave: Semiótica. Psicanálise. Cultura. Mãe. Pai.

Father, Mother & Child – Cultural Symptoms: Semiotic and psychoanalytic analysis of magazine covers at celebration dates

Alessandra Maria Melo de Moura

ABSTRACT

Based on the theories of Charles Sandres Peirce (Semiotics), Sigmund Freud and Jacques Lacan (Psychoanalysis) applied to the *corpus* of analysis – two Sãopaulo magazine (Sunday insert of Folha de São Paulo newspaper) covers published in 2017 –, mother and father images conveyed in the media are analyzed, in order to identify possible cultural symptoms.

Key words: Semiotics. Psychoanalysis. Culture. Mother. Father.

LISTA DE IMAGENS

Capítulo 4

Imagem 4.1 – Capa de Dia das Mães, 29

Imagem 4.2 – Capa de Dia dos Pais, 34

SUMÁRIO

Introdução, 11

Capítulo 1 – Semiótica, 12

1.1 Conceitos semióticos, 12

1.2 Semiótica, Comunicação e Cultura, 14

Capítulo 2 – Psicanálise, 17

Capítulo 3 – Semiótica Psicanalítica, 22

Capítulo 4 – Semiótica Psicanalítica Aplicada, 27

4.1 Metodologia e *corpus* de análise, 27

4.2 Análise das capas, 29

4.2.1 Capa Mãe, 29

A) Imagem, 30

a) Cores, 30

b) Fotografia, 30

c) Diagramação, 31

B) Texto, 31

a) Transcrição completa da capa, 31

b) Elementos alfanuméricos com caráter Terciário, 31

C) Mensagens gerais

a) Linha de persuasão: Dionisíaca (discreta)

b) Relação Mães e Filhos, 32

D) Leituras e interpretações, 32

4.2.2 Capa Pai, 34

A) Imagem, 35

a) Cores, 35

b) Fotografia, 35

c) Diagramação, 35

B) Texto, 36

a) Transcrição completa da capa, 36

- b) Elementos alfanuméricos com caráter Terciário, 36
- C) Mensagens gerais, 37
 - a) Linha de persuasão: Apolínea, 37
 - b) Relação Pais e Filhos, 37
- D) Leituras e interpretações, 38
- 4.1 Retrato de família, 39

Conclusão, 44

Referências, 46

Anexos, 49

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho — apresentado para conclusão no curso de pós-graduação lato sensu em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura — é realizar um exercício de leitura e identificação de possíveis sintomas da nossa cultura, pautado pelo questionamento sobre as imagens de Pais e de Mães que percebemos nas mídias. Em um primeiro momento, vieram dúvidas mais amplas: como os veículos de comunicação em massa abordam temas relacionados a estes personagens familiares? Como estas imagens são abordadas nos dias de homenagem em que essas figuras são celebradas? Então, seguimos para um afunilamento de questões para acompanhar o *corpus* escolhido para a análise: duas capas da Revista Sãopaulo (suplemento dominical do jornal impresso Folha de São Paulo) publicadas em 2017, cujos temas abordam o Dia das Mães e o Dia dos Pais. As perguntas seguiram: o que estas duas capas comunicam em suas imagens e textos? Como posicionam e o quanto revelam a respeito das imagens de Pai e de Mãe? E podem estas imagens aí apreendidas nos indicar possíveis sintomas da sociedade em que as capas estão inseridas?

A metodologia utilizada engloba as teorias propostas no mencionado curso de Pós-Graduação, pautada nos conceitos dos autores Charles Sanders Peirce, para o suporte da Semiótica, e de Sigmund Freud e Jacques Lacan, que teorizam acerca da Psicanálise. Na semiótica, encontramos os conceitos para uma percepção fenomenológica das capas, dando atenção a cada um de seus elementos, bem como o conjunto entre eles e, depois, a interrelação entre ambas as capas. Com a psicanálise, a compreensão do aparelho psíquico bem como as teorias acerca das relações do sujeito com pai e mãe (sejam eles reais, simbólicos ou imaginários) trazem o substrato para a compreensão dos elementos encontrados anteriormente. Ao final, poderia uma leitura que contemple e relacione todos estas percepções e teorias nos revelar os sintomas que circundam a maternidade e a paternidade na atual cultura? É o que tentaremos descobrir a partir daqui.

CAPÍTULO 1

Semiótica

1.1 Conceitos semióticos

Semiótica é a ciência que dá base para o atual trabalho, por isso iniciamos com sua conceituação: é o estudo dos signos, seus sistemas e processos na natureza e na cultura. “Ela estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos de uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos. Os processos em que os signos desenvolvem seu potencial são processos de significação, comunicação e interpretação.” (SANTAELLA e NÖTH, 2017, p. 7). Existem diversas linhas dentro do universo de estudo da Semiótica, mas tomaremos como centro aquela que foi traçada por Charles Sanders Pierce, cujo modelo de pensamento arquitetônico funciona como uma Gestalt. Para ele,

um signo é algo, qualquer coisa de qualquer espécie que é determinado e, por isso, representa, indica ou apresenta outra coisa, não importa de que tipo seja, de modo a produzir um efeito — o interpretante (ele próprio outro signo e assim continuamente) — sobre uma mente potencial ou atual, mente concebida em um sentido bem amplo, não necessariamente restrita à mente humana. (SANTAELLA in Santaella e Hisgail, versão Kindle; posição 395 a 402)

Para compreender tal amplitude, os autores Santaella e Nöth (2017, p. 9) explicam que a capacidade de estudar, especular ou refletir sobre os signos de fato é uma habilidade fundamentalmente humana. Contudo, a ubiquidade dos signos e a universalidade das categorias de Peirce vão além da nossa percepção, pois estamos imersos em um universo povoado de signos. “Todos os seres vivos, inclusive as plantas, usam signos para se comunicar, porque a comunicação e os signos são essenciais para sobreviver” (SANTAELLA e NÖTH, 2017; p. 9).

O signo se define em uma indissolúvel relação triádica: o signo (ou *representamen*) é um primeiro, algo que está por ou para (ou representa) uma

segunda e outra coisa (isto é, seu *objeto*) para um terceiro elemento (seu *interpretante*), quer dizer, o efeito que o signo produz tão logo ele encontre uma mente interpretadora. É na relação com este terceiro elemento que o signo completa sua ação, pois “quando o signo é interpretado, esse ato embute os outros dois aspectos do signo: o de seu fundamento e da sua relação com o objeto” (SANTAELLA apud MENDONÇA, 2014; p. 12). A relação entre tríades aumenta exponencialmente na teoria de Peirce, visto que cada um dos três componentes indissolúveis de uma tríade se tece em três outras, das quais novas três surgem em cada um de seus elementos, e assim sucessivamente.

Todo o edifício filosófico de Peirce, assim como a semiótica, que se constitui em uma das disciplinas desse edifício, está fundamentado em uma fenomenologia própria, distinta de fenomenologia de Husserl. Para Peirce, a tarefa da fenomenologia é descrever o fenômeno, tal como ele aparece à mente, e extrair dessa aparência os elementos mais gerais e universais presentes em todos os fenômenos. São três as categorias: primeiridade ou possibilidade, secundidade ou existência e terceiridade ou continuidade.

Em seu nível mais geral, a primeiridade, ou mônada, corresponde às noções de acaso, indeterminação, vagueza, indefinição, possibilidade, originalidade irresponsável e livre, espontaneidade, frescor, potencialidade, presentidade, imeditividade, qualidade, sentimento.

A secundidade, ou díada, é o determinado, terminado, final, objeto, correlativo, necessitado, reativo, estando ligado às noções de relação, polaridade, negação, matéria, realidade, força bruta e cega, compulsão, ação-reação, esforço-resistência, aqui e agora, oposição, efeito, ocorrência, fato, vividez, conflito, surpresa, dúvida, resultado.

A terceiridade, ou tríade, é o meio, devir, o que está em desenvolvimento, dizendo respeito à generalidade, continuidade, crescimento, mediação, infinito, inteligência, lei, regularidade, aprendizagem, hábito, signo.” (SANTAELLA, 2011; p. 92)

A noção de signo é a forma mais simples de terceiridade. Peirce confiava tanto nessas categorias que todos os desdobramentos da sua semiótica repousam em desdobramentos delas. Assim, suas classificações de

tipos de signos, conhecidas como suas tríades, repousam sobre essa lógica triádica.

Cada uma das categorias tem uma forma lógica de funcionar. Nas subdivisões do signo, de acordo com a primeiridade, secundidade e terceiridade, as categorias dizem respeito (1) ao signo em si mesmo (quali-signo, sin-signo e legi-signo), (2) à relação do signo com o objeto dinâmico (ícone, índice e símbolo) e (3) à relação do signo com o interpretante (rema, dicente e argumento). “Se o signo é algo que traz um objeto para a relação com um interpretante, então o signo exhibe consequentemente cada uma dessas três modalidades: ele é algo em si mesmo, em conexão com um segundo e uma mediação entre um segundo e um terceiro” (Santaella 2012 [2000]; p. 92).

Na teoria de Peirce, o ato de interpretar um signo, costurando sentido lógico e ordenação a esta trama de processos, é chamado semiose, um processo dinâmico que explicita o modo como o signo age, quer dizer, a ação do signo é aquela de ser interpretado em ou outro signo, seu interpretante. Para que a semiose ocorra, “outros tipos de signos, além dos símbolos, intervêm e são necessários à condução do pensamento e das linguagens. A mistura sígnica é parte integrante do pensamento e de todas as manifestações da linguagem” (Santaella, 2012 [2010]; p. 90). A autora (apud MENDONÇA, 2014) também esclarece que os “processos comunicativos incluem pelo menos três faces: a significação ou representação, a referência e a interpretação das mensagens”. Por isso, “para definir a semiótica peirceana é preciso dizer que não é bem o signo, mas é a semiose que é seu objeto de estudo” (NÖTH, 2008, p. 66, apud MENDONÇA, 2014; p. 12).

2.2 Semiótica, Comunicação e Cultura

Segundo Santaella e Nöth (2004; p. 36), mesmo que não seja linear, e mesmo que haja trocas constantes de papéis entre emissor e receptor, institui-se como condição básica para a ocorrência da comunicação a tríade emissor, mensagem e receptor. Ressaltam ainda que ela se dá como “relação,

transmissão, agenciamento, influência, troca e interação. Para que qualquer um destes fatores seja realizado, é preciso que existam pelo menos duas entidades e um meio de conexão entre ambas”. Assim, os autores exploram o caráter intersubjetivo presente na comunicação, pois a relação entre os interlocutores é enraizada na experiência particular de cada um; seria como uma “síntese entre o múltiplo e o específico”. “Por fazer parte do ser social do homem, ‘pelo qual ele se relaciona com seu semelhante e elabora coletivamente seu universo de conhecimentos’, a comunicação não é compreensível sem o ser humano, precisando, portanto, ‘ser entendida como um princípio de sociabilidade dotado de fundamentos históricos e culturais determinados’.” É graças a Marshall McLuhan e sua célebre concepção de “meios como extensões do homem” que este sentido se ampliou:

“a palavra ‘meios’ passou a se referir a todos os meios de comunicação: a oralidade, os meios impressos (livros, quadrinhos, revistas e jornais) e os meios de comunicação de massa (foto, cinema, rádio e televisão). [...] os meios estão ligados a transformações antropológicas que são introduzidas por cada inovação tecnológica e comunicacional. Assim, os meios de comunicação moldam a organização social porque são estruturadores das relações espaço-temporais às quais o pensamento e a sensibilidade do ser humano se conformam.” (SANTAELLA e NÖTH, 2004; p. 58)

Assim como o meio, a mensagem também se amplia, pois ela não limita a comunicação e seus efeitos de interpretação, bem como a intencionalidade comunicativa tampouco funciona como condição de resultado — especialmente na comunicação não verbal e visual. As imagens são capazes de comunicar muito além da intenção de quem as produziu, podendo até trazer como efeito a mensagem contrária à esperada pelo emissor.

Apesar de todas estas e outras diferenças que possam ser encontradas na comunicação (meios, mensagens, línguas, linguagens), “o pensamento dos homens tem algo em comum, a faculdade de usar signos verbais e se comunicar por eles” (NÖTH in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 757). A base da nossa comunicação, inclusive a verbal, se dá por meio de

imagens, como explicam Santaella e Nöth (2005; p. 14): “o código verbal não pode se desenvolver sem imagens. O nosso discurso verbal está permeado de imagens, ou, como Peirce diria, de iconicidade”.

Uma vez que este trabalho terá como objeto a leitura semiótica psicanalítica de imagens, nosso recorte nos encaminha para o universo das imagens. Este se divide entre dois domínios inseparáveis: o das representações visuais (desenhos, pinturas, imagens cinematográficas, etc. — equivalentes ao grego *eikon*) e o domínio imaterial das imagens da mente (visões, fantasias, imaginações, modelos, etc. — como no latim *imago*), tendo como traço unificador a representação pelo signo — como o interpretante sótico neste e no sentido do *representamen* peirciano naquele.

Em se tratando da representação visual na fotografia, Santaella e Nöth postulam que a semiótica da fotografia se baseia na semiótica da imagem e explicam que:

Peirce define o signo fotográfico com respeito a sua relação com o objeto (a secundidade do signo), por um lado, como um ícone; por outro, como índice. É assim que fotos são, “de certo modo, exatamente como os objetos que elas representam e, portanto, icônicas. Por outro lado, elas mantêm uma ‘ligação física’ com seu objeto, o que as torna indexicais, pois a imagem fotográfica é obrigada fisicamente a corresponder ponto por ponto à natureza” (CP 2.281). (SANTAELLA e NÖTH, 2005; p. 110)

Os mesmos autores explicam que as fotografias possuem tal valor de veracidade que, além de funcionar como registros da realidade, também tornaram-se normas para o modo como as coisas aparentam ser, criando uma confusão — aproximada da loucura, conforme apontado por Roland Barthes (apud *ibid.*) — que transforma o registro de realidade (“isto foi”) em postulação de verdade (“é isto!”). Este valor de verdade se torna ainda mais intenso quando tratamos de uma fotografia utilizada em um contexto jornalístico, como em jornais e revistas — especialmente ao ilustrar uma capa. Considerando-se que o campo de estudo que foi selecionado é o das imagens tal como se

apresentam em capas de revistas, este equivale ao segundo recorte que realizamos em nosso objeto de trabalho.

A mídia capa de revista segue normas e padrões (linha editorial da publicação, projeto gráfico, manual de redação e estilo etc.) e carrega em si funções importantes (especialmente de cunho editorial e comercial), que determinam sua confecção. Ela é pautada em capturar a atenção do leitor, introduzir o que será apresentado no conteúdo da revista, performar uma venda, entre outros. Para isto acontecer, a escolha de assuntos pode passar de notícias urgentes a fofocas de celebridades, incluindo os relacionados a feriados e efemérides — caso das capas que o atual trabalho propõe estudar. Não apenas, mas especialmente pela importância comercial que a capa de revista apresenta, é possível traçar paralelos entre esta mídia e as de publicidades impressas (inclusive as que aparecem em seu interior), cujos significados vão além dos produtos que intentam vender. Segundo Mendonça, (2014), tais mensagens “não se limitam a seus aspectos utilitários, tampouco a seu valor de troca monetária”, pois revelam a “importância dos discursos da produção e da publicidade, das interações entre consumidores e produtos, assim como, das construções míticas e socioculturais na atribuição de significações às mercadorias que se tornam, ainda, objetos do desejo”. A publicidade, para Santaella e Nöth (apud Mendonça), deve ser interpretada como um signo multimolduras.

Dado o seu caráter diagnosticador das estratégias e da eficácia simbólica não só da comunicação de produtos, mas também dos produtos de comunicação, a semiótica parece ser sempre um bom ponto de partida para lançar as bases para quaisquer outros tipos de pesquisa e um bom ponto de chegada para a comparação dos resultados alcançados por eles. (SANTAELLA e NÖTH, 2010; p. 178)

CAPÍTULO 2

Psicanálise

Seguindo a base teórica proposta pela Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura, o estudo de psicanálise proposto para o atual trabalho segue os passos traçados por Sigmund Freud e Jacques Lacan. Foi Freud quem inaugurou a história da psicanálise, ao propor que o funcionamento do aparelho psíquico humano possui setores além (ou aquém) da consciência. A partir de uma divisão inaugural (*Spaltung*), o sujeito passa a depender de dois registros heterogêneos: o consciente e o inconsciente.

O inconsciente é aquilo que fica reprimido pelo consciente e se manifesta nas associações livres, no discurso onírico e, em forma patológica, nos sintomas. Não só o inconsciente, mas “todo fenômeno que participa do campo analítico [...], daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem” [...]. Porém, a linguagem do inconsciente está num conflito permanente em relação à fala conscientemente articulada, pois o discurso inconsciente é censurado pelo discurso simultâneo do consciente. É por essa razão que não se podem vincular as imagens oníricas aos significados que estão ligados a elas na vida cotidiana e consciente.” (NÖTH in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 757 a 773)

Freud estruturou o aparelho psíquico humano e o dividiu entre três tópicos interligados: Eu (ou Ego), Isso (ou Id), Supereu (ou Superego) — estrutura que viria a ser chamada de sua Segunda Tópica. Respectivamente, estas instâncias equivalem aos registros Imaginário, Real e Simbólico postulados por Lacan. Estes se unem por uma estrutura topológica de nó Borromeano, coexistindo entrelaçados de forma inseparável em uma relação dinâmica de interpenetração.

O termo real foi introduzido por Lacan em 1953, extraído da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica, imanente à representação impossível de simbolizar. O termo simbólico foi extraído da antropologia (Mauss e

Levi-Strauss) e da linguística (Saussure). Passou a ser utilizado por Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representações baseadas na linguagem, ou seja, nos signos e significações que determinam o sujeito, referindo-se a ele consciente e inconscientemente nos processos de simbolização. Por fim, o termo imaginário foi utilizado por Lacan, que o definiu como uma miragem decorrente da experiência do Estádio do Espelho, lugar das ilusões do eu, da alienação e da fusão com o corpo da mãe. (MENDONÇA; p. 140)

A relação da linguagem com o simbólico se dá pelo aprisionamento do sujeito neste registro desde antes de vir a ser, pois ele, “se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio. A referência à experiência da comunidade e da substância desse discurso não resolve nada, pois essa experiência adquire sua dimensão essencial na tradição instaurada por esse discurso. Essa tradição, muito antes que nela se inscreva o drama histórico, funda as estruturas elementares da cultura” (Lacan apud Nöth in Santaella e Hisgail, versão Kindle; posição 781).

Para Freud, a civilização (*Kultur*) seria a “totalidade das obras e organizações cuja instituição nos afasta do estado animal de nossos ancestrais e que serve a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a organização dos homens entre si” (Freud apud ROUDINESCO, 2003; p. 45). Sendo uma das coletividades mais importantes da civilização, a família só consegue se distanciar do estado natural quando a razão se sobrepõe ao afeto e se instaura na horda primeva a interdição do incesto. Neste sentido, “o pai assume função castradora ao romper a simbiose entre mãe e filho, uma das passagens fundamentais do que ficaria conhecido em Freud como complexo de Édipo” (Fantini, 2009; p. 3).

Barrar o acesso a uma satisfação instintual (o desejo incestuoso) resulta em ligar o desejo à lei. Com esta teoria, Freud atribuiu ao “inconsciente o lugar de soberania perdida por Deus pai para nele fazer reinar a lei da diferença: diferença entre as gerações, entre os sexos, entre os pais e os filhos etc. Foi assim que o tirano da antiga tragédia do poder [...] se metamorfoseou, sob a

pena de Freud, em um sujeito culpado, encravado em sua neurose e condenado a não ser mais que o filho de sua mãe e o rival de seu pai” (ROUDINESCO, 2003; p. 65). Mais tarde, Lacan lograria esta organização da lei sobre a natureza como o Nome do Pai.

Segundo Laplanche e Pontalis (2016, 4a. ed.), imago e o complexo são noções próximas, ambas relacionando-se ao domínio das relações da criança com o seu meio familiar e social. Enquanto o complexo diz respeito a relações interpessoais de um sujeito a outros, a imago designa uma sobrevivência imaginária, um representante inconsciente, “um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito visa o outro. A imago pode portanto objetivar-se tanto em sentimentos e comportamentos como em imagens. Acrescente-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real, mesmo que mais ou menos deformado; é assim que a imago de um pai terrível pode muito bem corresponder a um pai real apagado” (ibid; p. 234 - 235). Tal ideia se relaciona, também, à noção de romance familiar, na qual, segundo Roudinesco (2003; p. 64 — nota de rodapé), “um sujeito neurótico modifica seus laços genealógicos ao criar para si, mediante relato ou fantasia, uma outra família diferente da sua, em geral mais heróica ou de origem real”.

Também modificado e idealizado é o conceito de Eu Ideal, processo no qual o sujeito traça como objetivo reconquistar um estado de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil, a partir da identificação primária com outro ser investido de onipotência — isto é, a mãe (LAPLANCHE, 2016; p. 139). Já o Ideal do Eu é a instância da personalidade que exerce funções como censura onírica, consciência moral e o exercício da influência essencial no recalque (ROUDINESCO, 1998; p. 362). Ela é “resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos.

Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (LAPLANCHE, 2016; p. 222), sendo uma espécie de resquício da antiga admiração à perfeição imaginária que a criança atribuía aos pais. Para Lacan (apud ROUDINESCO, 1998; p. 362), “O *Ich-Ideal*,

o ideal do eu, é o outro como falante, o outro na medida em que mantém comigo uma relação simbólica, sublimada, a qual, em nosso manejo dinâmico, é ao mesmo tempo igual e diferente da libido imaginária”. Já o eu ideal seria uma formação essencialmente narcísica, construída na dinâmica do Estádio de Espelho (registro imaginário), tornando-se uma aspiração. É neste estágio que Lacan logra o “pequeno outro”, um simétrico e recíproco ao eu imaginário, evidenciando “como a relação entre a estrutura simbólica e o sujeito se distingue da relação imaginária do eu e do outro” (SANTAELLA e NÖTH, 2005; p. 192). É diferente do “grande Outro” (grafado em maiúscula), que ocupa o lugar de fala na primazia do simbólico, da lei e da cultura.

CAPÍTULO 3

Semiótica Psicanalítica

A Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura é uma disciplina relativamente nova, cujos estudos se iniciaram no início dos anos 2000 por membros da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É uma “convergência epistemológica de saberes diferentes em sintonia, na colaboração bem-vinda das teorias dos signos com a ciência do inconsciente” (CESAROTTO in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 598). Suas propostas “compreendem a atualização dos diagnósticos freudianos sobre o mal-estar na cultura, hoje capitalista & planetária, a partir das ocorrências da vida cotidiana, mais do que nunca, psicopatológica” (idem). A junção destas duas linhas de saberes não se deu por acaso: diversos pontos de encontro alinhavam a Semiótica e a Psicanálise, que, juntas, auxiliam-se mutuamente em uma leitura de signos e sintomas culturais.

A realidade humana pode ser lida como um texto, sob a ótica da Semiótica, e escutada como um discurso, na perspectiva da Psicanálise. A Semiótica Psicanalítica, por sua vez, constata as consequências psíquicas dos signos culturais. A Clínica da Cultura é uma disciplina heurística que trabalha com conjecturas & diagnósticos, instrumentos de análise que possibilitam a interpretação das criações da civilização capitalista a partir das contradições intrínsecas, isto é, dos sintomas estruturais & conjunturais. Suas hipóteses apontam para o conjunto dos processos de produção, circulação & consumo de significações no campo social, abordando todo & quaisquer fenômeno humano, individual ou coletivo, normal ou bizarro. Os conceitos de Simbólico, Imaginário & Real, entrelaçados, permitem pensar simultaneamente a subjetividade & o universo das representações ideológicas, desconstruindo suas éticas & estéticas. Em destaque, os estilos de recalcamento que são típicos desta época histórica, os fracassos da sublimação, as modas totalitárias & as satisfações substitutivas. (CESAROTTO in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 609 a 618)

Nesta nova disciplina que agrega duas linhas de pensamento tão amplas, um recorte seria necessário para guiar os trabalhos e pesquisas que se seguiriam. Assim, a proposta é de uma “intersecção da semiótica geral e abstrata de Peirce como subsídio para se compreender o campo do saber Freud-lacaniano na sua constituição de uma semiose complexa e específica: a do inconsciente e sua sobredeterminação no psiquismo humano. Sendo a semiótica peirciana uma teoria geral e formal de todos os tipos de semiose possíveis, na correlação com a psicanálise, esta aparece como um tipo específico e muito peculiar de semiose” (SANTAELLA in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 356). Incluindo sua aplicação na forma de uma Clínica da Cultura, para dar conta do “ruído da comunicação pós-humana, objeto de interesse da Semiótica Psicanalítica”, ficou estabelecido como norte deste trabalho “a leitura dos signos pela lente da Semiótica de extração peirciana e pela escuta da Psicanálise de orientação freud-lacaniana, em virtude das formações do inconsciente enredadas nos fatos culturais” (SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 77).

A escolha da semiótica de Peirce se dá pela abrangência de seu sistema de pensamento científico, que dá conta de signos visuais, verbais, não-verbais, culturais, fantasias, sonhos etc., nos ajudando a “detectar formas emergentes de pensamento, questões complexas com que o mundo contemporâneo nos desafia, assim como aquilo que está faltando e o que está sobrando, o que está nascendo e o que está agonizando nas teorias que se nos apresentam” (SANTAELLA in SANTAELLA e HISGAIL; posição 289). Além disso, segundo Nöth (idem), há um grande ponto de encontro entre o pensamento peirciano e a psicanálise freud-lacaniana: o funcionamento em estruturas triádicas, presente nas categorias de Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade), nas instâncias do inconsciente de Freud (estruturado em ego, id e superego), e nos registros de Lacan (o imaginário, o real e o simbólico). Em outras palavras,

a pulsão, que está sob a dominância do Real, localiza-se na posição lógica do Objeto, a demanda de amor, que está sob a dominância do Imaginário, situa-se na posição do Signo, e o desejo, sob a dominância do Simbólico, situa-se na posição do interpretante. Essas posições

lógicas ajudam a compreender as intrincadas e indissolúveis interações entre os três registros lacanianos (com seus conteúdos básicos específicos: pulsão, amor e desejo), assim como plantam esses registros nas fundações epistemológicas geradas pela estrutura semiótica. (SANTAELLA in in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 402)

Em relação à psicanálise, a escolha de Freud e Lacan como teóricos da Clínica da Cultura se dá porque ambos dão suporte à linguagem (em sua abrangência e complexidade semióticas) tanto na subjetividade quanto na coletividade.

Se existe uma prática psicanalítica que extrai o sujeito da linguagem, dela o dissociando, esvaziando assim o seu lugar para aprendê-lo na sua in-existência através de significações apriorísticas, que nutrem, aliás, as certezas de certos linguistas e mesmo semioticistas, a verdade é que, para a psicanálise freudiana, se impõe a consideração do sujeito na e a partir da linguagem, o seu discurso, dela procedendo, sendo, para o analista, o único documento onde fundar a análise da transferência, dele dependendo a investigação do inconsciente. [...]

Foi partindo da matriz freudiana que é *Die Traumdeutung*, texto reconhecido pelo semioticista como um notável trabalho de análise semiótica *avant la lettre* (Greimas e Courtes, 1979, p. 302), que J. Lacan postulou a linguagem como primordial para a constituição e estruturação do ser falante (N. TASCA apud SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 245 a 253)

Largamente utilizada por Lacan, a noção de *significante* — cujo termo foi tomado de empréstimo de F. Saussure — transcende em complexidade os limites da linguística, “passando a adquirir uma compleição mais propriamente semiótica. O postulado, por exemplo, de que o ‘falo é um significante’ [...], assim como a impossibilidade de se pensar o significante sem seu resto, o objeto a, são articulações que estão mais perto de indagações semióticas”, explica Santaella, concluindo que, “se entramos nos escritos lacanianos pela porta da linguística, é pela casa da semiótica que caminhamos” (in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 198). Segundo Nöth (idem),

Lacan aplica, inclusive, uma semiótica específica — no caso, psicanalítica — ao falar da língua, refletindo aí sobre os signos do inconsciente. O autor explica que, em sua teoria, “Lacan interpreta a psicanálise freudiana como um sistema de signos e vê na psique humana processos cuja análise requer a interpretação de signos e das leis que determinam as suas estruturas”. Assim,

A interlocução de ambas, Semiótica e Psicanálise, abre uma perspectiva de captação dos signos pela percepção consciente e suas motivações inconscientes, quando o novo e inesperado aparece para iluminar o real na condição mortal e sexuada do ser humano. Lá onde o gozo é confinado ao narcisismo, o falante perde a capacidade de saber sobre si e o Outro, como guardião do código e representante da cultura. (idem, posição 86)

É justamente na cultura e suas representações que é possível perceber os índices de sintomas sociais que aí encontram seus modos de se apresentar. Segundo Santaella e Hisgail (2013; 2016, versão Kindle; posição 77), é neste sentido que se apresenta a possibilidade de “uma Semiótica Psicanalítica que se caracteriza pelo modo de ler os fenômenos e sintomas do mal-estar na cultura contemporânea. Os sintomas, que a cultura atual tem colocado em evidência, reclamam por uma interpretação de ordem psicanalítica”. Uma das formas de executar tal leitura é a partir da observação e análise de produções culturais diversas, como a programação de TV, o cinema, os jornais, as revistas, as redes sociais, etc., que podem, segundo Fantini (2009; p. 14), “nos mostrar os rumos que os movimentos dos sujeitos nas sociedades estejam tomando, enquanto objetos construídos por sujeitos que também são ‘objetos’ da cultura”.

Para que esta identificação e leitura aconteçam, é preciso manter-se atento àquilo “que, nas entrelinhas, perturba a comunicação & sidera o falante, desloca seu querer & metaforiza seu gozo, faz toda a diferença. Explicitando: o desejo, isto é, o patrimônio psicanalítico, é isso que a Semiótica assimila, permeando as linguagens” (CESAROTTO in SANTAELLA e HISGAIL, versão Kindle; posição 533), afinal, na função e no campo da palavra, “nas redes do discurso, nas malhas da retórica, na filigrana da letra, impera uma ‘confusão de

línguas” (Idem). É assim que a Semiótica Psicanalítica, em sua interdisciplinaridade, “permite que os signos culturais possam ser recolhidos & avaliados, a céu aberto. [...] o inconsciente é a via régia da clínica, percebe-se que a sua potência não é restrita aos limites das quatro paredes dos consultórios; então, a Semiótica trouxe na sua bagagem temática, como um dote bem aceito, a autonomia operacional para agir extramuros”, conforme explica Cesarotto (Ibidem), postulando que “A ciência dos signos compreende o equívoco” — algo essencial para dar conta das faltas e excessos do falante e faltante sujeito humano, demasiado humano.

CAPÍTULO 4

Semiótica Psicanalítica Aplicada

4.1 Metodologia e *corpus* de análise

O objeto de análise apresentado neste trabalho é composto por duas capas da revista Sãopaulo publicadas no ano de 2017, sob recorte das publicações especiais em comemoração às datas de Dias das Mães e dos Pais — efemérides estabelecidas no calendário brasileiro, respectivamente, no primeiro domingo do mês de maio e no do mês de agosto. A revista Sãopaulo é um encarte semanal, veiculado aos domingos, integrante (e não vendido separadamente) do jornal diário Folha de São Paulo. As capas são relativas às edições “Especial Mães & Filhos” (edição no. 334 / 7 a 13 de maio de 2017) e “Especial Pais” (edição no. 346 / 6 a 12 de agosto de 2017).

O desenvolvimento da análise semiótica do *corpus* atual foi feito sob orientações metodológicas da literatura consultada, especialmente dos autores Santaella e Nöth, acerca das representações visuais na teoria de Charles Sander Peirce. Teremos aqui a descrição dos elementos visuais de cada capa divididos em tópicos, para melhor organização. Ao final, proponho possíveis leituras e interpretações atribuídas a cada uma delas a partir dos elementos descritos. De forma geral, o método de análise fenomenológica de Peirce consiste em:

Olhar diretamente para o fenômeno, quer dizer, para tudo aquilo que, de alguma maneira, aparece, seja fato ou ficção, levantar os diferentes tipos de elementos que aí são detectados e formar uma concepção clara desses tipos, [...] um método despojado de apriorismos, de pressuposições psicológicas, científicas ou metafísicas, de pré-julgamentos sobre “coisas” no mundo exterior (sejam elas noumena ou “causas desconhecidas” originárias das sensações) ou egos transcendentais que realizam o pensamento. [...] a função dos conceitos é reduzir a multiplicidade à unidade, Peirce foi direto às aparências (phaneron, aquilo que aparece) nelas mesmas. (SANTAELLA e NÖTH, 2010; p. 87 - 88)

A aplicação da análise semiótica foi feita a partir de um ponto de vista de intérprete dos signos estudados, no qual, segundo Santaella:

Na face da significação, a análise semiótica nos permite explorar o interior das mensagens em seus três aspectos. O primeiro deles diz respeito às qualidades e sensorialidades de suas propriedades internas, como, por exemplo, na linguagem visual, as cores, linhas, formas, volumes, movimento, luz, etc. O segundo aspecto diz respeito à mensagem na sua particularidade, no seu aqui e agora em um determinado contexto. O terceiro aspecto se refere àquilo que a mensagem tem de geral, convencional, cultural.

Na face da referência, a análise semiótica nos permite compreender aquilo que as mensagens indicam, aquilo a que se referem ou se aplicam. Também nesta face, encontramos três aspectos: o primeiro aspecto deriva do poder meramente sugestivo tanto sensorial como metafórico das mensagens. O segundo aspecto deriva do poder denotativo das mensagens, sua capacidade para indicar algo que está fora delas. O terceiro aspecto deriva da capacidade das mensagens para representar ideias abstratas e convencionais, culturalmente compartilhadas.

Na face da interpretação, a análise semiótica nos habilita a examinar os efeitos que as mensagens podem despertar no receptor. Esses efeitos são de três tipos: os primeiros são os efeitos emocionais, quando o receptor é tomado por um sentimento mais ou menos definido; os segundos são os efeitos reativos, quando o receptor é levado a agir em função da mensagem recebida; os terceiros são mentais, quando a mensagem leva o receptor a refletir. (SANTAELLA apud MENDONÇA; p. 11)

Como objetivos específicos, a atual análise procurou levantar aspectos qualitativos dos signos encontrados em cada uma das capas (linhas, cores, formas, volumes, movimentos, temporalidades, primeiras impressões sensoriais e abstratas que despertam, qualidades de sentimentos, efeitos estéticos); explorar o poder sugestivo, indicativo e representativo dos signos a partir dos objetos a que os signos se referem, se aplicam, denotam ou representam;

interpretar e sugerir possíveis efeitos interpretativos que estas mensagens podem gerar nos receptores — sem deixar de considerar que tais interpretações são inesgotáveis, portanto correspondem apenas ao recorte do *corpus* escolhido.

Ao final do capítulo, apresentamos uma comparação entre as duas capas do *corpus* de análise, com o objetivo de relacionar aspectos consoantes e destoantes entre elas, bem como novas leituras a partir do cruzamento de ambas. Foram agregadas contribuições da psicanálise dentro do recorte escolhido de sua teoria, para desenvolver um olhar clínico sobre a cultura, com a intenção de se fazer uma análise interdisciplinar, no campo da Intersemiose ou da Psicanálise Aplicada.

4.2 Análise das capas

4.2.1 Capa 1: Mãe

Imagem 4.1 – Capa de Dia das Mães



Anexo 1

A) Imagem

a) Cores

Cores e tons predominantes:

- Verdes (claro, escuro/petróleo): No fundo da capa, em elementos alfanuméricos de destaque;
- Tons escuros e sombreados (preto, marinho, marrom): Elementos alfanuméricos, roupas, cabelo da mãe, sombras nas superfícies contrárias à direção do flash (posicionado a partir de um ponto da lateral na foto, “exterior” ao enquadramento).

Cores e tons secundários:

- Tons quentes (rosados, amarelados, alaranjados): No móbile, nos tons de pele, no chapéu do bebê;
- Tons claros e iluminados (branco, off-white, bege claro): Tarja branca no topo da capa, topo frontal da cabeça da mãe, camisa da mãe, pontos de luz no móbile.

b) Fotografia

A foto foi produzida em um ambiente que aparenta ser o interior de um apartamento ou casa, em frente a uma parede verde. A iluminação é indireta, com sombras e “vinheta” superior (a imagem vai escurecendo nas bordas). Os personagens mãe e filho são os principais objetos fotografados; seus corpos estão “próximos” do leitor (posicionados com proximidade do ponto de vista da câmera). A mulher posa com o bebê no colo, cabeça com cabeça, olhos fechados de ambos, sorriso no rosto dela, serenidade no rosto dele. A mãe aparece decentralizada, mais para o canto inferior direito da página, pernas e tronco fora de enquadramento; à mostra, apenas cabeça e os braços que acalantam o bebê. No canto superior esquerdo, também está enquadrado um móbile com motivos infantis. O fotógrafo segue a Regra de Ouro, que, além de dar destaque com interesse (sem a isenção e neutralidade atribuídas a um

objeto em foco central), ainda prevê e deixa espaço para as chamadas em texto, que serão adicionadas posteriormente.

c) Diagramação

Mistura de fontes com e sem serifa; mistura de uso de textos em caixa alta e baixa; tamanhos variados de textos, grandes a pequenos. Presença de ícones nos logos da revista e do jornal. Uso do caractere especial “&” (e comercial) destoando em cor, fonte e forma do restante da oração “mães & filhos”; a fonte escolhida é arredondada, com curvas e desenho fluido, sugerindo leveza e feminilidade.

B) Texto

a) Transcrição completa da capa

“Sãopaulo A REVISTA DA FOLHA” / “7 a 13 de maio de 2017” / “FOLHA DE S.PAULO” (no topo branco);

“ESPECIAL mães & filhos” (chamada principal);

“6 histórias maternas”; “11 programas em dupla”; “37 dicas de presentes, dos tradicionais aos inusitados” (demais chamadas);

“Clarissa Passos, 39, com seu primeiro filho, Domenico” (legenda da foto);

“Parte integrante da Folha de S.Paulo. No. 334. Não pode ser vendida separadamente. Foto Eduardo Knapp/Folhapress” (legenda técnica, com orientação vertical, na lateral esquerda).

b) Elementos alfanuméricos com caráter Terciário

- & (caractere especial de “e comercial”): Ideia de junção, união;
- 6, 11, 37: Espécie de sumário usual em capas de revistas, com referência às páginas em que se encontram as matérias das respectivas chamadas;

- “Clarissa Passos, 39”: Estilo de transmissão de informação usual no jornalismo, revela nome e idade da pessoa retratada.

C) Mensagens gerais

a) Linha de persuasão: Dionisíaca (discreta)

Toda a capa converge para um despertar de sensações, especialmente aquelas relacionadas à Mãe e Maternagem, com a relação de indissolúvel identificação e de ligação desejante (disfarçada pela discrição) entre mãe e filho.

b) Relação Mães e Filhos

Imagem e texto comunicam a relação de mãe com filhos, criando uma mensagem repetida e reiterada, em um pleonismo de sentido.

- Imagem: Fotografia da mãe (Clarissa Passos) com seu filho (Domenico) no colo.
- Texto: “Especial mães & filhos”; “histórias maternas”; “programas em dupla”; “Clarissa Passos, 39, com seu primeiro filho, Domenico”.

D) Leituras e interpretações

Capas do Dia das Mães costumam seguir o padrão de um retrato simbólico da ideia que a cultura ocidental faz do papel da mãe. Como um ninho de maternagem, apresenta mensagens, imagem, pose, cores, presença de bebê no colo; uma espécie de ilustração de funções e sentimentos que são agregados à Imago Materna. Apesar de o dia ser “das mães”, os filhos entram como protagonistas, como se dividissem com elas a efeméride. A ideia é reforçada pela imagem e pelas chamadas escolhidas. A principal delas — “Especial mães & Filhos” — é indicadora da posição da mãe no imaginário coletivo: não basta a certeza da existência de um filho sabe-se lá onde (caso

da capa 02); uma mãe é apenas validada como mãe se estiver com o filho por perto, presente, ao lado, no colo, em contato, sempre à vista.

Na fotografia da capa em questão, o fundo verde escuro e a iluminação indireta projetam emoções discretas e deixam a imagem intimista, com o cuidado para não clarear demais o local ou acordar a criança, como se ressaltassem o vínculo e o cuidado da mãe para com seu filho. Rosto visto de perfil e olhos fechados, ela se coloca com a cabeça encostada na do bebê, corroborando com a transmissão de sensações de maternagem (vínculo entre mãe e filho, emoção, carinho, cuidado, intimidade, cumplicidade, calma, tranquilidade).

O leitor não encontra o “contato visual” da mãe e observa a interação entre as duas pessoas retratadas; é posicionado como um *voyeur* de uma suposta cena cotidiana, como se tivesse entrado em um aposento e se deparado com esta imagem. A posição dos corpos “próximos” ao leitor sugere proximidade, intimidade. A intimidade com que o rosto da mãe se aproxima com leveza do rosto do bebê é trazida muito perto do leitor, o que funciona como um convite ao compartilhamento emocional do afeto maior, esse que se dá entre a mãe-filho.

Apesar da construção de uma perfeita narrativa maternal, a leitura da capa encontra elementos visuais destoantes, que apresentam caráter de secundidade — gerando sensações de estranhamento, dúvida, surpresa, imprevisibilidade. Estes se referem às características visuais da mãe (seus traços, cabelos curtíssimos, roupas e óculos), que apresentam um contraponto com o padrão simbólico ocidental da “mãe ideal de beleza” (cabelos longos, traços delicados, roupas e acessórios “femininos”; imagem religiosa e paradoxal da mulher mãe & casta; “bela, recatada e do lar”). Os signos presentes na capa transmitem a sugestão de que, mesmo cumprindo a “pose” materna, esta é uma mulher com história, opinião, que faz escolhas e desafia o *status quo*. O elemento textual “Clarissa Passos, 39, com seu primeiro filho, Domenico” também auxilia nesta ideia — indica que a maternidade

provavelmente não foi uma de suas prioridades até a idade próxima dos 40 anos.

Partindo do real biológico do corpo da mulher, que delimita a possibilidade de gestação entre a primeira e a última menstruação, com o fim da fertilidade anunciado pelo início da menopausa, criou-se culturalmente uma espécie de “corrida maluca” contra o tempo e o envelhecimento. A presença de idade apenas na capa da mãe toca neste ponto e posiciona a mulher nesta luta simbólica contra a própria idade — algo que se iniciaria tendo sentido apenas em relação à gravidez, mas que, pelas características patriarcais de nossa sociedade ocidental (e a posição que esta reserva à mulher e, conseqüentemente, à mãe), acaba se condensando com outros importantes aspectos da vida. Assim, este signo cultural revela o movimento em metonímia do significante menopausa, que passa a simbolizar um anúncio do “fim” para a mulher tanto em relação a ter filhos quanto à sua posição como mãe, mulher, sujeito desejante, objeto de desejo etc.

4.2.2 Capa 2: Pai

Imagem 4.2 – Capa de Dia dos Pais



Anexo 2

A) Imagem

a) Cores

Cores e tons predominantes:

- Tons claros (branco, bege, off-white, cinza): Tarjas brancas no topo e na base da capa, fundo da imagem, metade da roupa à esquerda, par de tênis à direita do homem retratado, dentes aparentes por seu sorriso.
- Tons escuros e frios, sombras (preto, marinho, cinza escuro, verde, azul): Elementos alfanuméricos, camisa e calça à direita, planta e folhagem à esquerda, cabelos e barba, estrelas azul e preta do logo da Folha de São Paulo.

Cores e tons secundários:

- Tons quentes (vermelho, laranja, terracota): Elementos textuais, círculo de destaque, objetos de jardinagem (vaso, pá e rastelo), estrela vermelha do logo da Folha de São Paulo.

b) Fotografia

No especial de Dia dos Pais, o personagem escolhido para ilustrar a capa posa em um estúdio de fundo infinito em cor clara, quase branco, com iluminação tradicional de retrato. Está centralizado na imagem, com enquadramento em corte americano (entre quadril e coxas). O homem olha de frente “pro leitor” (câmera), sorrindo. Pela roupa, fica claro que a imagem foi manipulada digitalmente, com a fusão de dois momentos fotografados com a mesma posição em relação à câmera: em trajes de trabalho e de lazer.

c) Diagramação

Na escolha de fonte predominam as linhas retas e minimalistas, sem serifa (ela aparece apenas nos logos e na palavra “especial”); mistura de uso de textos em caixa alta e baixa; tamanhos variados de textos, grandes a pequenos. Uso de tarja com tópicos em apenas uma palavra; caractere

especial “+” e círculo vermelho para destaque. Presença de ícones nos logos da revista e do jornal além das três estrelas em cores azul, preto e vermelho abaixo do logo da Folha — que representam a marca desde a fusão de três outros diários (Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite).

B) Texto

a) Transcrição completa da capa

“sãopaulo A REVISTA DA FOLHA” / “6 a 12 de agosto de 2017” / “FOLHA DE S.PAULO” (no topo branco);

“Especial PAIS” (chamada principal)

“Eles conciliam o escritório com escaladas no Himalaia, shows de heavy metal e jardinagem” (subtítulo da chamada principal)

“O empresário Rodrigo Zaramella, que gosta de cuidar de plantas” (legenda da foto)

“RELAXAR / VIAJAR / PASSEAR / PRESENTEAR” (demais chamadas em tópicos)

“+ SHOPPINGS SORTEIAM CARRÕES” (destaque)

“Parte integrante da Folha de S.Paulo. No. 346. Não pode ser vendida separadamente. Foto Keiny Andrade/Folhapress” (legenda técnica, com orientação vertical, na lateral esquerda)

b) Elementos alfanuméricos com caráter Terciário

- + (caractere especial “mais”): Ideia de adição, agrupamento. O ícone “+” substituindo a palavra “mais” é escolha usual no jornalismo, especialmente em capas, como artifício para reduzir caracteres dos textos;

- RELAXAR / VIAJAR / PASSEAR / PRESENTEAR: Em vez de desenvolver chamadas em orações, a escolha foi por palavras únicas que servem como tópicos das matérias presentes na revista.

C) Mensagens gerais

a) Linha de persuasão: Apolínea

A capa contém elementos racionais e inspira factualidade, pluralidade, versatilidade. Apesar de ser um especial sobre pais, os signos que transmitem sensações culturalmente conferidas a eles em relação a seus filhos, como provisão e suporte, aparecem em segundo plano.

b) Relação Pais e Filhos

A data e a chamada principal indicam a presença de um pai, porém, além da palavra “PAIS”, não há outra referência à função paterna. Tampouco se vê, fala ou percebe a presença dos filhos. Além disso, quando a menção a algum cuidado aparece, é para ilustrar a relação do homem com a jardinagem.

- Imagem: Homem dividido entre trabalho e planta.
- Texto: “Especial PAIS”; “O empresário Rodrigo Zaramella, que gosta de cuidar de plantas”

A este respeito, segundo Santaella e Nöth (2004; p. 52), as imagens

“muitas vezes comunicam algo que pode não ter sido a intenção de quem a produziu. Em vez de reforçar a mensagem verbal, o não-verbal entra muitas vezes de maneira incontrolada, inconsciente e não intencional, em contradição com o conteúdo proposto pela fala articulada.

Além da não-intencionalidade do não verbal, a comunicação verbal sem intenção também é possível, como provam as situações de comunicação nas quais os comunicantes não querem ser ouvidos [...].

Na psicanálise encontra-se o questionamento mais radical da crença na atuação racionalista de um sujeito que tudo intenciona. Desde Freud, não se acredita mais na ficção de um indivíduo comunicante ‘indivisível’, pois comunica-se através de mensagens simultâneas que são transmitidas por diversas instâncias, às vezes de maneira contraditória.”

D) Leituras e interpretações

A capa especial de Dia dos Pais traz um homem “dividido ao meio”. Fotografado duas vezes no mesmo cenário, com diferentes roupas e objetos de cena, posteriormente, as imagens foram combinadas digitalmente, resultando na divisão central, que sugere mais de uma narrativa de espaço-tempo. A produção ajuda a contar a história: de um lado, roupa casual e itens de jardinagem; do outro, camisa e calçados para trabalhar (presume-se, em um local cujo código de vestimenta é bastante informal). Esta divisão transmite ideias de adaptabilidade, versatilidade, pluralidade, equilíbrio.

A posição da câmera, a iluminação do estúdio, a distância do objeto fotografado e o corte americano trazem referências de retratos e enquadramentos jornalísticos, com tom de neutralidade, seriedade e distanciamento, sem apelo emocional. O fundo claro do estúdio funciona como estratégia para facilitar a montagem digital das imagens, enquanto a escolha de mantê-lo liso e sem alterações na cor cria espaço de respiro e concentra o foco de leitura. O olhar do leitor é direcionado ao homem centralizado na imagem e o encontra sorrindo, sustentando seu olhar através da página de forma ativa: encara-o de frente, cabeça erguida, braços abertos. Esta perspectiva de “olho no olho” revela uma forma igualitária de tratar leitor e personagem.

A predominância nas cores é de tons claros, frios e gradações de cinza — neutros e sóbrios. Em contraste, a grande palavra “PAIS” em vermelho demanda atenção e relembra a temática central desta edição da revista. Apenas o título traz a informação de que se trata de um pai fotografado; não há outra referência à posição familiar, tampouco há presença (em texto ou

imagem) de filhos. Funções conferidas a pais (como sustento, suporte, cuidado) e outras socialmente delegadas a eles (como brincadeiras, diversão, lazer) — geralmente exploradas em efemérides como a em questão —, aparecem sugestionadas em texto. Domínios dos pais, o trabalho e o lazer aparecem no subtítulo (“Eles conciliam o escritório com escaladas no Himalaia, shows de heavy metal e jardinagem”) e na legenda (“O empresário Rodrigo Zaramella, que gosta de cuidar de plantas”). Nesta última, o elemento *cuidado* aparece, mas direcionado a outro objeto que não os filhos, intensificando a ausência destes.

No rodapé da página, os verbos no infinitivo (“RELAXAR / VIAJAR / PASSEAR / PRESENTEAR”) — usados como um sumário em tópicos (ou chapéus) — conferem caráter ativo ao conjunto da capa: o pai está na posição de escolher o que ganhar e como passar seu dia especial. Ao lado dessas palavras, o destaque em círculo vermelho com os dizeres “+ SHOPPINGS SORTEIAM CARRÕES” traz o elemento do carro, signo social ligado à praticidade, performance, potência, poder de compra — características geralmente atribuídas ao homem da família.

4.3 Retrato de família

Ao relacionar as duas capas, é possível interpretá-las como uma só família proposta pela revista São Paulo em 2017. Nela, mãe e filho são unificados, como uma só entidade, alinhavados e pontuados com um “&”, enquanto o pai é um só sujeito, ainda que barrado em imagem — e nenhuma delas diz respeito à paternidade. Divide-se entre ele e ele mesmo — deveres e quereres, trabalho e lazer —, e só se sabe pai pelo anúncio desta terceira faceta (na lei e no simbólico). O filho está ausente para o pai — e presente para a mãe a ela colado. Estas ideias corroboram as imagens encontradas nas capas do atual trabalho, podendo demonstrar a imagem (ou Imago) coletiva de Mãe e de Pai presentes na cultura. Em tais Imagos, vemos também o que Santaella e Nöth (2005; p. 36) chamam dos dois pólos opostos da imagem no campo semântico — dualidade arraigada no pensamento ocidental como

percepção e imaginação —, em que “Um descreve a imagem direta perceptível ou até mesmo existente. O outro contém a imagem mental simples, que, na ausência de estímulos visuais, pode ser evocada”.

Uma possibilidade de aplicação é tomar os elementos de texto e imagem das capas e separá-los: ao se retirar o texto, qual é a compreensão da imagem? Da mesma forma, sem a imagem, o que diz o texto? No caso da capa da mãe, a sugestão textual seria de algo bastante semelhante à do retrato, resultando em relação redundante, porém eficaz em sua representatividade. Este signo que se repete indica o grande sintoma da capa, que ainda está simbolicamente representado pelo “E comercial”: o destino coletivamente imaginado e culturalmente reiterado (e aparentemente inevitável, em se tratando de representações visuais em publicações) da simbiose entre mães & filhos.

MENDONÇA (2014) cita Laura Guimarães Corrêa, cuja tese de doutorado investigou a publicidade de homenagem destinada a mães e pais. Ao concluir a pesquisa, confirmou que funções de cuidado permanecem na esfera materna, enquanto recorrências de figuras paternas costumam estar associadas aos papéis de provedores materiais e simbólicos, conselheiros e orientadores exemplares. Enquanto as mães são retratadas interagindo com os filhos mais frequentemente no cotidiano e de forma calorosa e mais corporalmente próxima, os pais se aproximam dos filhos apenas por meio de brincadeiras que não questionem a masculinidade intocável. Na interpretação de Corrêa (apud MENDONÇA, p. 168), “brincadeira é atividade criativa, lugar da imaginação, da invenção, da transformação. Relacionando quantitativa e qualitativamente as peças do *corpus*, vê-se que brincar é coisa de homem e de criança. [...] ações, imagens e objetos que sugerem movimento, mobilidade, abertura: a bicicleta, o balanço de brinquedo, as viagens, o futebol e a brincadeira sobre os ombros” eram mais relacionadas aos pais.

As conclusões do trabalho acima se revelam presentes em nosso atual *corpus* de análise: ideais que aproximam mães e filhos em vínculos afetivos, enquanto os pais aparecem como provedores e alegres companheiros no lazer.

Mas, enquanto na primeira capa, as mensagens são de uníssono, na segunda há um grande elemento destoante: a ausência quase completa dos filhos. Enquanto o texto da chamada grita “PAIS” em vermelho, a imagem não complementa a ideia de que se trata de um pai, tampouco mostra a relação dele com seus descendentes.

Da mesma forma, quando retiramos as palavras, a imagem de um homem dividido — ou “barrado” — não traz à lembrança algo que especificamente invoca a um pai. A mesma imagem poderia, por exemplo, ser usada em um hipotético “Especial Homens Pós-Modernos” ou algo semelhante. Tanto a imagem quanto o texto apresentam elementos igualmente inéditos em informação, mas o conjunto não é harmônico, deixando a mensagem geral cacofônica e contraditória.

No entanto, no caso da disposição lado a lado do texto e da imagem, não se trata de uma mera adição de duas mensagens informativas diferentes. Uma nova interpretação holística da mensagem total pode ser derivada dessa disposição. Aliás, não se trata, nos meios da imprensa, meramente de uma díade entre texto e imagem, mas, como Moles ressalta, de uma tríade de texto impresso, imagem ilustrativa e sua legenda: “A legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou a figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda”. (SANTAELLA e NÖTH, 2005; p. 55)

A imagem, sua legenda, as chamadas e destaques falam de um homem que trabalha, cuida de plantas, vai a shows, compra presentes, relaxa e sonha ganhar carrões, enquanto a chamada principal remete à paternidade. Assim, o especial de Dia dos Pais falha em sua eficácia simbólica — e é justamente aí que se encontra seu maior sintoma. Segundo Roudinesco (2003; p. 11), durante séculos, a família ocidental teve como base a soberania “divina” do pai, até que, com a irrupção do feminino e a partir daí, o advento da Burguesia, passaram a acontecer mudanças entre a posição da maternidade e da paternidade na célula familiar, substituindo as antigas angústias por novos desconfortos.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX.” (ROUDINESCO, 2003; p. 21)

Ainda segundo a autora (ibid) “a família contemporânea, horizontal e ‘em redes’” possui uma “estrutura desconstruída, medicalizada, esfacelada, periciada, entregue ao poder materno”. Lacan aponta para a importância dos pais na constituição do Outro da linguagem, pois, muito antes da criança nascer, seu lugar já está preparado em no universo linguístico dos mesmos — que escolhem de nome a roupas e demais itens do bebê. A relação de mãe com filho, segundo Lacan, não é considerada dual, mas ternária, por ter o falo como terceiro elemento: depende do investimento fálico marcado pelo lugar que a criança ocupa no desejo materno. É por isso que, segundo o autor, ainda que os cuidados maternos, como higiene e alimentação, possam ser divididos com outras pessoas, o vínculo mãe-filho é fundamental e estruturante, por ser único (MENDONÇA, 2014). Já a relação da criança com a função do pai, introjetada pelo simbólico, encontra em nosso tempo um declínio que já mostrava pistas percebidas pelo psicanalista francês.

Lacan já previa o atual quadro histórico-social (homogeneização, desintegração do conceito de experiência, desaparecimento da memória, declínio da imagem paterna, aumento do racismo etc), onde se instalou o imperativo do gozo. O freudiano desejo não-satisfeito dá então lugar ao excesso que se manifesta na sintomatologia moderna da drogadição, da bulimia, da anorexia, do consumo a qualquer custo e, em última instância, da psicose. (FANTINI, 2009; p. 12)

Para Fantini (ibid), a clínica de nosso tempo percebe nesta ausência “uma violência que resulta, em parte, não apenas do declínio da figura do pai, mas principalmente do declínio da própria eficácia simbólica da metáfora do Nome-do-Pai, que não opera o necessário corte simbólico” entre mãe e filho. Roudinesco (2003; p. 199) também destaca a crise em que se encontra o

princípio de autoridade (e do *logos* separador), sobre o qual a família sempre se baseou. “Por um lado, esse princípio se opõe, pela afirmação majestosa de sua soberania decaída, à realidade de um mundo unificado que elimina as fronteiras e condena o ser humano à horizontalidade de uma economia de mercado cada vez mais devastadora, mas por outro incita incessantemente a se restaurar na sociedade a figura perdida de Deus pai, sob a forma de uma tirania” (ibid, 2003; p. 199).

A família seria então, para o sujeito, a única instância capaz de assumir este fogo cruzado e favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica. Isto porque, no seio da instituição que hoje suporta tantas mazelas, e mesmo “diante do grande exército de referências patriárquicas desafetadas que são o exército, a Igreja, a nação, a pátria, o partido”, a família segue investida de desejo por parte de homens, mulheres e crianças de todas as idades, condições e orientações sexuais, a ponto de ser reivindicada como “o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar”. A explicação para a família suscitar tamanho desejo seria o de que:

“Do fundo de seu desespero, ela parece em condições de se tornar um lugar de resistência à tribalização orgânica da sociedade globalizada. E provavelmente alcançará isso — sob a condição todavia de que saiba manter, como princípio fundador, o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade.” (ROUDINESCO, 2003; p. 199)

Considerando tal destino proposto por Roudinesco, e considerando que para alcançarmos este equilíbrio entre o um e o múltiplo precisamos de um corte simbólico na simbiose entre o sujeito e a completude imaginária pré-edípica, fica a questão do quão breve conquistaremos tal lugar de resistência — se é que um dia chegaremos lá.

CONCLUSÃO

A análise proposta anteriormente foi capaz de revelar questões importantes sobre as imagens de Mãe e de Pai abordadas em nossa cultura. Manifestação legítima do drama familiar elaborado por Freud, neste recorte estes personagens passaram pela lupa das teorias de Semiótica e Psicanálise para, na união destas duas teorias, encontrar a elaboração simbólica para dar conta de revelar os seus sintomas.

Partimos de uma análise para reconhecer os signos encontrados em cada uma das capas, que nos mostraram a visão cultural que se aplica a cada parente de forma separada. Responsabilidades confiadas a pai e mãe se mostram pelas escolhas de textos, imagens, cores, formas, fontes, palavras, expressões. Reparamos alguns clichês e confirmações do que é tradicionalmente desejável, ao passo que encontramos signos que apresentam visões inesperadas ou conflitantes em cada uma das capas.

A partir de um cruzamento que propõe um “retrato familiar”, foi possível ainda compreender como o contexto familiar funciona nesta hipotética família da atualidade, encontrando linhas (nem sempre tão) tênues que separam ausências e presenças, expectativas e realidades.

Sendo objetos de cultura, as capas sinalizam opiniões, são ferramentas eficazes de indicação de costumes, símbolos, padrões. Portanto, a forma como a maternidade e a paternidade foram abordadas nestes objetos revelam além do que se percebe exclusivamente em e a partir deles: mostra o que é possível de se perceber na cultura.

A simbiose pré-edípica entre mães & filhos encontra um retrato fiel na primeira capa, enquanto o simbólico do pai está ausente, preocupado com seus próprios assuntos (trabalho e lazer), na segunda. Da mesma forma, a teoria utilizada nos mostra como o declínio da função paterna e o investimento libidinal não interrompido entre mãe e filho têm sido, em nosso tempo, fontes de mazelas na clínica psicanalítica. Apesar disso, ainda se acredita que está na

família a possibilidade de contornar tais sintomas, desde que se repensando tais funções simbólicas confiadas a pais e mães.

Assim, sob o recorte específico proposto, o atual trabalho demonstrou que é possível fazer uma leitura semiótica com interpretação psicanalítica das capas apresentadas como forma de interpretar os sintomas atuais em nossa cultura.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Laura Guimarães. **Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem**. Tese de Doutorado em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte, 2011.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade — políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EVANS, Dylan. **Diccionario introductorio de psicoanálisis lacaniano**. 1a ed. 4a reimp. — Buenos Aires: Paidós, 2007. 224 p. Traducción de: Jorge Piatigorsky.

FANTINI, João Angelo. **O eterno retorno da lei: Busca e derrisão da figura paterna em Matrix e Clube da Luta**. Revista Leitura Flutuante — Volume 1. São Paulo, 2009.

FARO, J.S. **Dispositivos Semióticos do Jornalismo**. Galáxia: Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura / Programa Pós-Graduando em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. — n. 7 (abril 2004). — São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq, 2003.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**: Paulo César de Souza (trad.). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1914, v. XIV. 1974.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu. (1921)**. In: Obras Completas. E.S.B. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

_____. **Totem e Tabu. Obras Completas**. Rio de Janeiro. Imago, 1988, vol. XIV.

_____. **Obras Completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 - 1909)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Obras Completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 - 1923)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.** — 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed., 1998.

_____. **Nomes-do-Pai.** Tradução André Telles; revisão técnica Vera Lopes Besset. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise** / Laplanche e Pontalis; sob direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. 4a. ed. — São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2016.

MENDONÇA, Maria Collier de. **A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto.** 2014. 338 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MONTOTO, Claudio César. **Amor: metáfora eterna** / Claudio César Montoto. 1. ed. São José do Rio Preto, SP: Bluecom, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise** / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **A família em desordem** / Elisabeth Roudinesco; tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica** / Lúcia Santaella — São Paulo: Brasiliense, 2012 — (Coleção Primeiros Passos; 103). 32a reimpr. da 1a ed. de 1983.

_____. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas** / Lucia Santaella. — São Paulo: Cengage Learning, 2012. 4a. reimpr. da 1a. ed. de 2000. SANTAELLA, Lucia; HISGAIL, Fani. **Semiótica psicanalítica: clínica da cultura** / Organização Lucia Santaella, Fani Hisgail. - 1.ed. - São Paulo: Iluminuras, 2013 - 1. Reimp. 2016 — versão e-book Kindle

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica** / Lucia Santaella, Winfried Nöth. — São Paulo: Hacker Editores, 2004. (Coleção Comunicação &...)

_____. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005, 4a edição.

_____. **Estratégias semióticas da publicidade** / Lucia Santaella, Winfried Nöth. — São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação** / Winfried Nöth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Introduções.

ANEXOS

Anexo 1

Capa do caderno Revista Sãopaulo, publicado em 7 de maio de 2017: “Especial mães & filhos”. Fonte: Acervo Folha de São Paulo (último acesso em 30 de julho de 2018). <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=47815&anchor=6052253&pd=1f7b4454e1c4eaa68aa98940ba8714d3>



Anexo 2

Capa do caderno Revista Sãopaulo, publicado em 6 de agosto de 2017: “Especial PAIS”. Fonte: Acervo Folha de São Paulo (último acesso em 30 de julho de 2018). <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=47934&anchor=6060571&pd=fe0a981c7abdf1dcc016a946c3a5b84a>

